

## **A VIAGEM DO ELEFANTE: CAMINHOS DA METAFICÇÃO**

**OLIVEIRA, Adrieli Aparecida Svinar** (adrieli\_svinar@hotmail.com)<sup>1</sup>; **DANTAS, Gregório Foganholi** ([gregdantas@gmail.com](mailto:gregdantas@gmail.com))<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente do curso de Letras PIVIC/UFGD – Dourados;

<sup>2</sup>Docente do curso de Letras FACALE/UFGD – Dourados

A ficção de José Saramago é composta, a grosso modo, por três fases distintas mas interligadas: o período formativo, a fase dos romances históricos e a fase das narrativas alegóricas. A recepção crítica de *A viagem do elefante* (2008), penúltimo romance publicado em vida pelo autor, tem enfatizado o seu caráter alegórico ao mesmo tempo em que reconhece a recuperação de um discurso metaficcional ostensivo, que dialoga com o período de formação do escritor, no qual se definiu uma orientação ideológica representada, sobretudo, na jornada do herói em processo de tomada de consciência social, e com o período dos romances históricos, em que a prática do discurso metaficcional se consolidou. Destaca-se, nesse sentido, o foco narrativo que, como é comum na produção ficcional de Saramago, comenta constantemente, entre outros temas, os caminhos de sua ficção e o estatuto da História frente a outros relatos, além de implicar diretamente o leitor nestas digressões. Tendo como metodologia de análise a revisão bibliográfica, o presente trabalho teve como objetivo elaborar uma leitura crítico interpretativa deste romance a partir da hipótese de que o foco narrativo em Saramago aproxima-se do modelo dos “narradores shandianos” descritos por Sérgio Paulo Rouanet (2007), modelo que remonta ao Tristram Shandy de Laurence Sterne e abarca narrativas como as de Garrett, Diderot, Xavier de Maistre e Machado de Assis. A conclusão dessa pesquisa aponta para o fato de que ainda que a narrativa de *A viagem do elefante* seja relativamente mais linear do que a destes autores, compartilha com estes, especialmente, a interpenetração do riso e da melancolia, expressos no cultivo obsessivo da digressão, em termos muito próximos ao de Rouanet. No tom jocoso destinado às figuras históricas, na constante reflexão metaficcional e, finalmente, nas considerações ensaísticas sobre a redação da História oficial, o narrador revela uma evidente consciência dos mecanismos que regem a historiografia e a ficção contemporâneas, assim como ironiza nosso olhar sobre o passado, sugerindo uma postura de revisionismo crítico. O desdobramento das implicações do narrador e as estratégias narrativas pedem um olhar atento não apenas para os sentidos do texto, mas da sua escrita, expondo e questionando seus artifícios de construção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance português. Metaficção. José Saramago.